



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**HELENA BANDEIRA**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-60

**Entrevistado:** Helena Bandeira

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada – Rio de Janeiro/RJ

**Entrevistadores:** Juliana Santos Costa

**Data da entrevista:** 09/12/2003

**Transcrição:** Mariana Bandeira

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** Não há

**Total de gravação:** 150 minutos

**Páginas Digitadas:** 34

**Catalogação:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 0974/2004/01

**Nº da fita:** Não há

**Observações:** Entrevista realizada por Juliana Santos Costa durante a elaboração de sua dissertação de mestrado intitulada “Vozes de mulheres na Escola Nacional de Educação Física e Desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado”, defendida em 2004 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho-RJ. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em maio de 2004.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BANDEIRA, Helena. *Helena Bandeira (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

## **Sumário**

Formação acadêmica na Escola Nacional de Educação Física e na Universidade do Brasil; Aulas na Escola Nacional de Educação Física; Aulas de Educação Física no Fluminense Futebol Clube; A organização militar do curso de Educação Física. O currículo da Escola Nacional de Educação Física; O currículo da Escola Nacional de Educação Física; Vida profissional após a formação em Educação Física e Filosofia; A questão familiar e o término da Faculdade de Filosofia; Estrutura das aulas na Escola de Educação Física; Exercício no serviço social durante o governo Vargas; Experiência como professora em colégios da cidade; Cursos de extensão oferecidos pelo governo Vargas na Escola de Educação Física; influência familiar para cursas a Escola de Educação Física e experiência na Escola Nova na década de 1960.

H.B.- Me formei em mil novecentos e quarenta e um... Como você sugere que eu comece?

J.C. - Proponho que a senhora vá falando à medida em que for lembrando dos fatos.

H.B.- Quando estava na Escola Nacional, estava na faculdade...

J.C. - A primeira faculdade foi a de Educação Física?

H.B.- Não. A primeira foi a de Filosofia.

J.C. - De Filosofia?

H.B.- Sim, mas foi terminada depois.

J.C. - E também era na UFRJ? Na Universidade do Brasil?

H.B.- A Universidade do Brasil, o governo fechou e eu estava no primeiro ano de formação de professores, que era o seguinte: os professores saíam já nomeados pelo governo tanto no nível universitário, quanto no nível de segundo e primeiro graus. Eu estava por aí, quando fechou e fiquei no meio do ano, sem ter onde estudar. Então abriram a Faculdade de Educação Física, Escola Nacional de Educação Física, que funcionava o dia inteiro. Nessa época meu pai que era muito pra frente, disse: “Minha filha você vai ficar sem estudar? Vamos para a Escola Nacional de Educação Física!”. Só tinha um esporte que eu praticava naquela época que era a natação, que havia aprendido aos quatro anos de idade, em Icaraí. Então eu fui para a Escola de Educação Física sem saber o que era direito. Fui até lá, me matriculei e realmente não era uma escola recomendada.

J.C. - Não era?

H.B.- Vieram muitas pessoas do Norte e do Sul e as moças ficaram assim meio misturadas, as pessoas falavam mal. Algumas andavam de *short*.

J.C. - Mas eram as de fora que falavam mal das do Rio?

H.B.- Não. De modo geral as mulheres não eram muito bem faladas. A escola era mista e até então não havia escola mista. Embora nós mulheres sentássemos de um lado da turma e os homens do outro, a escola era mista. Os esportes não eram os mesmos, nós mulheres só não praticávamos futebol, os homens praticavam. Nossas matérias eram práticas: educação física, voleibol, natação, basquetebol, esgrima, jiu-jitsu, corridas, toda a parte atlética, corrida de velocidade, de salto em alturas, salto em distância. Só não tinha futebol.

J.C. - O futebol que era só para os homens?

H.B.- Só para os homens. E a escola era dirigida por médico militar. Depois veio então o Rolin que era um militar. Tinha que ser médico. Então a disciplina era rígida, funcionava no Instituto Nacional de Educação de Surdos, ali na rua das Laranjeiras. Tinha a parte da educação no Surdos e Mudos e a outra parte da Escola Nacional de Educação Física. Nós fazíamos a parte atlética, a parte esportiva tipo corrida, salto e etc, no Clube Fluminense.

J.C. - Sei.

H.B.- Nos juntávamos, atravessávamos aquela rua e íamos para o Fluminense.

J.C. - Que era relativamente perto.

H.B.- Pertinho. Íamos a pé, em forma para o Fluminense.

J.C. - O professor acompanhava?

H.B.- Todos os professores acompanhavam. Tínhamos a professora, não lembro o nome dela. Mas, íamos para o Instituto, para o Fluminense e fazíamos a parte esportiva. Era a corrida de velocidade, o levantamento de peso, barra, salto em altura, salto em distância, quatro por cem...

J.C. - Nossa!

H.B.- Tudo isso era feito no Fluminense Futebol Clube, inclusive natação. Tudo era no Fluminense.

J.C. - Todas as aulas teóricas eram no Surdos e Mudos?

H.B.- Quase todas as aulas teóricas e algumas aulas práticas como jiu-jitsu.

J.C. - Vocês tinham jiu-jitsu também?

H.B.- Tínhamos jiu-jitsu.

J.C. - E os homens também faziam ou jiu-jitsu era só para as mulheres?

H.B.- Também faziam, mas era separado. Tinha turma feminina de jiu-jitsu e turma masculina de jiu-jitsu. Agora os professores eram homens e mulheres. O de jiu-jitsu era homem.

J.C. - Ah! O de jiu-jitsu, mesmo para vocês era homem?

H.B.- Era homem.

J.C. - Sei.

H.B.- Entrei em quarenta. Faz os cálculos. Mil novecentos e quarenta, menos da metade do século. Nós tínhamos esgrima também pra homem, tínhamos basquetebol, voleibol e ginástica rítmica.

J.C. - Dança. Na época era dança, não é?

H.B.- Dança. Ginástica rítmica era dança.

J.C. - E a senhora foi se adaptando a todas essas modalidades esportivas ou continuou a gostar só da nataçãõ?

H.B.- Fazia muito bem natação.

J.C. - Então foi bem em natação.

H.B.- Fui para o primeiro grupo. Eram cinco alunos do primeiro grupo de natação. Tenho a impressão que entramos no curso cerca de oitenta entre homens e mulheres.

J.C. - Ah. Misturados entre homens e mulheres?

H.B.- Saímos formados. A primeira turma de quarenta e um, somente treze pessoas se formaram.

J.C. - Caramba!

H.B.- Primeira turma que se formou oriunda de mil novecentos e quarenta e um, o número de formados era de treze pessoas.

J.C. - Mas por tão poucas pessoas?

H.B.- Porque muita gente não agüentou. Você pensa que era fácil?

J.C. - Por que era puxado mesmo?

H.B.- Eu tinha muitas matérias teóricas: cinesiologia, fisiologia, anatomia, socorros de urgência. Ai meu Deus!

J.C. - Fisioterapia?

H.B.- Fisioterapia. Havia alunos excelentes. Aquela atriz que tinha sido campeã na natação. Mas eu era a primeira do grupo. As primeiras do grupo de natação fomos eu e a Crisca. Rosa Miller, Conceição Freitas e tinha uma moça que era excelente no tênis. Tínhamos tênis também.

J.C. - Praticamente todos os esportes.

H.B.- Todos os esportes menos futebol. Só me lembro que eram disciplinas terríveis. Era a primeira vez havia uma escola mista com homens e mulheres em Educação Física. E todo mundo andava de calçãozinho. Tinha uma saia que traspassava muito e as meninas saiam do sério. A gente tomava banho. Era um banheiro imenso, uma porção de chuveiro, chuveiro, chuveiro, chuveiro. A gente tomava banho ali, ia todo mundo com água e sabão. Tínhamos curso de medicina também.

J.C. - Mas aí só devia de ter homens.

H.B.- Não.

J.C. - Havia mulheres?

H.B.- Tinha. Tinha uma médica, Elza Daltro Santos, uma moça excelente. Tinham poucas moças.

J.C. - De medicina?

H.B.- Sim. O meu marido, que conheci lá, fez a faculdade de medicina.

J.C. - Conheceu na época da escola?

H.B.- Na época da escola.

J.C. - Você era aluna de um curso e ele era do outro?

H.B.- O curso dele era de um ano.

J.C. - Mas ele já tinha se formado em medicina?



H.B.- Já era médico. O curso dele, medicina especializada, era de um ano. O curso normal é de um ano. Era só pra professor de Educação Física para crianças do primário.

J.C. - E esse aí devia ter muito mais mulheres do que homens?

H.B.- O meu curso era superior, era maior. Eram dois anos.

J.C. - E entre mais ou menos os oitenta que a senhora falou que devem ter entrado, eram mais mulheres?

H.B.- Entravam mais ou menos oitenta mulheres. Acho que mais mulheres.

J.C. - Tinha um pouco mais de mulheres.

H.B.- Tinha. O de técnico esportivo era um ano também. Técnico esportivo, curso normal e o curso de medicina especializada que eram de um ano. O curso superior, que é o curso que fiz, era de dois anos e abrangia todas as possibilidades da educação física. Passamos treze. Sabe quem era da minha turma? A Tônia Carreiro, a Elza Miller etc.

J.C. - É mesmo?

H.B.- As professoras de um modo geral, de dança, de ginástica rítmica, era a Helenita.

J.C. - Quantos anos a senhora disse que tem?

H.B.- Oitenta e quatro.

J.C. - Mas está muito bem!

H.B.- Oitenta e quatro.

J.C. - Que bacana...

H.B.- Você vê, todas nós naquele dia, e eu, era a representante da minha turma de formandos.

J.C. - Já conversei foi com a Yara Vaz.

H.B.- Já conversou com a Yara?

J.C. - E ela falou pra mandar um beijo pra vocês.

H.B.- A Yara foi da minha turma. Foi a primeira aluna, a mais inteligente que conheci. Nas faculdades naquela época nós nos reuníamos pra estudar. Yara pegava aquilo passava os olhos e dizia assim: “Já estudei. Já sei tudo”.

J.C. - Muito inteligente.

H.B.- No curso de medicina especializada existia a Elza Daltro dos Santos. Foi a primeira aluna. Os professores, só gente de primeira, da Academia Brasileira de Letras.Tinha o Areno...

J.C. - Areno?

H.B.- Que era professor.

J.C. - Tinha um livrinho dele.

H.B.- Ele também era professor. Outro que foi até quem fez o parto da minha filha e do meu filho...

J.C. - Ajudou no parto?

H.B.- Ajudou. Tinha sido meu professor.

J.C. - Ele era bem rígido? Cobrava boas notas?

H.B.- Demais. Aquela que estava comigo foi minha colega de turma.

J.C. - Ela não terminou?

H.B.- Terminou no segundo ano, na segunda turma. Naquela época a turma não festejou, porque daquela turma só tinha eu quarenta e um.

J.C. - Ah! As outras terminaram em quarenta e dois.

H.B.- Quarenta e dois. Lygia Lessa Bastos foi da turma anterior, uma turma de emergência, prepararam um grupo para ser professor.

J.C. - Essa turma de emergência, não foi em trinta e oito?

H.B.- Trinta e oito.

J.C. - Ou trinta e nove?

H.B.- Mais ou menos aí.

J.C. - A sua turma de quarenta foi a primeira?

H.B.- A primeira.

J.C. - Foi a segunda? Achava que a primeira tivesse sido em trinta e nove e a segunda em quarenta.

H.B.- Não. A primeira foi emergência. A primeira turma da Escola de Educação Física que se formou foi a de quarenta. Quarenta e um. Se formou em quarenta e um, a segunda foi essa de quarenta e dois. Agora a primeira turma de medicina, se formou em quarenta, de técnico esportivo, se formou em quarenta e...

J.C. - E o Normal?

H.B.- Normal foi em quarenta. Começaram em quarenta e terminaram em quarenta e um. Nós terminamos em quarenta e um, final de quarenta e um. Tivemos muita gente. Yara foi a primeira da turma. Agora sobre Educação Física de modo geral tinha tudo.

J.C. - Sei.

H.B.- Éramos discriminadas em parte, entende? Porque quando se falava em Educação Física era uma coisa, mas não tinha tempo. Também fazia a Escola de Belas Artes.

J.C. - Ah! Aí parou a filosofia?

H.B.- Parou a filosofia.

J.C. - Ingressou na Educação Física.

H.B.- Parei a filosofia, entrei em Educação Física e voltei para a Escola de Belas Artes, entende? Então fiz um ano.

J.C. - Fez os dois cursos juntos?

H.B.- Fiz os dois e parei. Não agüentei.

J.C. - Aí parou o de Belas Artes?

H.B.- Fiquei somente na Escola de Educação Física.

J.C. - Mas a senhora deu preferência para a Educação Física? Estava gostando mais?

H.B.- Com certeza. E muito, o curso é muito lindo. Tem ensaio, excelente o curso. Todas as matérias, a seleção. Agora, era uma coisa organizada. Porque sou muito a favor da organização militar. Era organizada por militares. O que é que você quer saber mais?

J.C. - Parecia que ali dentro, entre vocês colegas, não tinha muito problema, entre homens e mulheres?

H.B.- Nenhum. Nenhum.

J.C. - A sociedade de fora que olhava e discriminava?

H.B.- Porque aquela escola era nova, de moças que andavam com pouca roupa.

J.C. - Pouca roupa. Não era muito do costume.

H.B.- E iam para a piscina. Aquele grupo, que devia ter muita gente também misturada, inclusive as professoras. Todo mundo andava de *short*.

J.C. - Vocês andavam também juntas?

H.B.- Fazíamos jiu-jitsu.

J.C. - Acho estranho o jiu-jitsu porque ele está mais vinculado à luta, à coisa de homem, à ganhar o desempenho.

H.B.- Fazia esgrima.

J.C. - A esgrima tem uma parte mais da coreografia, da dança.

H.B.- Não. Nós fazíamos esgrima, nós não fazíamos dança. Nós fazíamos esgrima no tapete com florete, não espada, florete. Nós fazíamos esgrima mesmo e fazíamos jiu-jitsu com roupa de jiu-jitsu.

J.C. - É porque parece que ao mesmo tempo em que eles separaram as mulheres dos homens, em várias disciplinas práticas, eles também não discriminavam as mulheres.

H.B.- Não. Todas as matérias eram separadas.

J.C. - As teóricas é que eram...

H.B.- Só as teóricas eram comuns. As matérias práticas eram separadas. O jiu-jitsu só fazia mulher, o professor era homem, mas era só mulher. Esgrima o professor era homem, mas era só mulher.

J.C. - E o que eles falavam? Por que estavam ensinando aquela luta?

H.B.- Porque fazia parte do currículo.

J.C. - Do currículo?

H.B.- Era. Do currículo. Agora eu não sei quantas matérias eram. Tinha higiene, socorros de urgência, anatomia e fisiologia separadas. Anatomia e fisiologia eram duas matérias. Era o Areno em uma e outra era o outro professor que não me lembro o nome. Quais eram as outras matérias? Peregrino Júnior, acho que era de socorros de urgência, ele era médico da Academia Brasileira. Era uma equipe de gente muito bem qualificada.

J.C. - Entendi.

H.B.- E rígida, bem severa. Se não tivesse frequência você não passava. Maria Lenk, professora de natação...

J.C. - É. Já ouvi falar.

H.B.- Ela nadava muito bem.

J.C. - Ela estava até hospitalizada.

H.B.- Se eu tenho oitenta e quatro ela deve estar com...

J.C. - Também está adoentada. A filha dela dá aula lá na faculdade.

H.B.- Ah é? E a Elzinha?

J.C. - Elzinha não.

H.B.- Elzinha era professora de dança. Helenita e Elzinha eram professoras de dança. Uma era catedrática e a outra auxiliar.

J.C. - Pode ser auxiliar.

H.B.- É que tem professor catedrático e tem professor que é auxiliar. Quem mais você quer saber? Mais alguém?

J.C. - Não que eu me lembre, não. Eu conversei, não sei se a senhora lembra, eu acho que foi da sua turma. A Margarida Maria.

H.B.- A Margarida foi da minha turma. Grande, alta, trabalha ainda.

J.C. - Trabalha ainda. É da Gama Filho. Ela é professora.

H.B.- Professora de Educação Física?

J.C. - Agora ela se aposentou, esse ano. Ela está trabalhando com senhoras de terceira idade. É tipo uma universidade da terceira idade. Mas agora ela trabalha com pintura. Mas até esse ano ela deu aula de folclore.

H.B.- Margarida. Eu perdi de vista.

J.C. - Outra também com quem eu conversei foi a Margarida Leite.

H.B.- Margarida Leite Barbosa que é professora de Educação Física.

J.C. - Tem duas Margaridas.

H.B.- Eu só me lembro da Margarida grande. Uma alta que era nordestina.

J.C. - Ah, então é a Leite. Margarida Leite.

H.B.- Mas ela ainda ...

J.C. - Ela se aposentou no ano passado. Não, em noventa e quatro da UFRJ, ela ficou como professora. Eu fui até a casa dela. Mora em Copacabana.

H.B.- Margarida talvez tenha passado. Passaram somente treze. Eu me lembro que falavam em oitenta alunos, passavam uns treze, porque não foi somente a dureza do curso, foi também a falta de adaptação. Porque muita gente não agüentou o rojão daquilo. Era terrível, era terrível! Eu parei a Escola de Belas Artes porque eu não agüentava. Eu saía da Escola de Educação Física ia pra Escola de Belas Artes, quando chegava lá estava dormindo. O motorista dizia: “acorda, dona Helena. Acorda que já chegou”, e eu ia pra Escola de Belas Artes. Depois eu não agüentei.

J.C. - E a senhora lembra quantos anos? Em mil novecentos e quarenta, quando a senhora entrou?

H.B.- Que idade eu tinha?

J.C. - É só a gente fazer as contas, mas devia de ser...

H.B.- Uns vinte e dois anos talvez, vinte e um.

J.C. - Ou menos.

H.B.- Ou menos. Porque a idade limite era dezoito anos. Ninguém entrava com menos de dezoito anos. Quem disser que entrou com dezessete, pode dizer que é mentira. Porque aquela minha prima, a Sônia que estava lá, ela quis entrar. Eu fiz todos os pedidos porque eu era de lá. Era junho, julho, então eles não deixaram entrar. Aquela menina, aquela menina pequenininha, uma baixinha que estava lá também, fez cursos e cursos. Porque ela



começou com dezesseis anos. Ela fazia, fazia, só entrou quando tinha dezoito anos. Era um negócio bem feito.

J.C. - E tinha vestibular pra entrar?

H.B.- Vestibular?

J.C. - Fazia prova?

H.B.- A Escola de Belas Artes não tinha, mas a de Educação Física tinha. A faculdade de Filosofia tinha também.

J.C. - Mas tinha aquele teste de habilidades específicas. Tinha que correr, nadar e etc.

H.B.- Tinha tudo isso?

J.C. - Tinha que passar nessa prova também.

H.B.- Mas devia ser fácil, eu não me lembro mais. Tinha que correr, tinha que nadar.

J.C. - Eu acho que eram esses dois.

H.B.- E tinha prova de capacidade física, tinha a prova de capacidade física que era muito puxada.

J.C. - Mas isso pra entrar ou já lá dentro?

H.B.- Para entrar.

J.C. - E como era essa prova?

H.B.- Eu não me lembro direito. Eu me lembro que nadava muito. Como eu nadava muito na praia de Icarai, quando eu fui fazer a prova, passei muito bem.

J.C. - E a senhora morava em Niterói?

H.B.- Morei, morei em Niterói muitos anos e em Laranjeiras e praticava natação.

J.C. - Mas chegou a ser atleta? Competir?

H.B.- Não competi não. Meu pai não deixava. Não sei como deixou.

J.C. - Apesar que a senhora falou que ele era...

H.B.- Foi ele quem me matriculou na Escola de Educação Física. Ele foi comigo e ele não admitia que eu entrasse em competição nenhuma.

J.C. - Caramba.

H.B.- E ele era nordestino.

J.C. - O que ele pensava?

H.B.- Não sei.

J.C. - Será que era receio de expor demais a filha?

H.B.- Foi ele quem me matriculou, quando eu fui para a Escola de Belas Artes, eu tinha dezessete, dezoito anos. Você sabe que na Escola de Belas Artes você entra e faz modelo vivo, nu. Naquela época já se fazia. Você entrava, os professores de Belas Artes, era o professor..., era um professor excelente, aquele grande artista? Quando eu entrei naquela sala que eu via aquela mulher nuinha lá, com a prancheta na minha frente, os colegas de um lado pro outro...

J.C. - Chega a envergonhar.

H.B.- Com dezessete anos. Naquele tempo, trinta e tantos, trinta e oito, trinta e sete...

J.C. - Caramba! Seu pai ficou sabendo disso?

H.B.- Sabia, sabia. Tinha amigos artistas e era jornalista. Ele tinha amigos artistas e me matriculou porque eu queria ser artista também. Mas depois...

J.C. - Ah que bacana!

H.B.- Fiz exposição de pinturas, Educação Física. Agora vou te dizer o que me ajudou muito. Eu fiz com o doutor Lopes um curso de psicologia, pequeno, que naquela época também não tinha psicólogos, nem escola de psicologia, nem escola de jornalismo. Não tinha nada disso. Eram pouquíssimas as opções. Tanto que a escola de Educação Física era cheia. Mas o meu...Eu fiquei dois anos em psicologia na Fundação Getúlio Vargas.

J.C. - Mas isso depois da escola?

H.B.- Depois da escola, depois da escola. Eu fiz esse cursinho de psicologia. Como tinha feito a Belas Artes, conhecia desenho. Então isso me ajudou na minha seleção de alunos particulares. Porque não havia esse negócio de aluno particular. Professor que dá aula particular. Mas eu dei. Só gente rica que fazia isso. Hoje em dia todo mundo faz. Naquela época não se encontrava. Comecei a cobrar. Por que? Porque eu ia ser professora de quem? Só gente que já foi governador de Estado, que já foi presidente de empresa...

J.C. - E a senhora deu as suas aulas?

H.B.- Dei aulas. Por que? Porque eu tinha essa parte. Eu fui orientada por gente que estava começando na psicologia e que achava que Educação Física era...Então eu estava há dois meses lá. Dois meses, criança, adolescente, menino podia, meninas até doze, treze anos e mulheres de idade...

J.C. - E era aula de ginástica? Era aula de ginástica, natação...

H.B.- Não. Você fazia uma aula sozinho. Professor psicólogo. Aquele curso da Helena, iam outros, em Santa Clara. Tinha o curso militar, varias outras trabalhando, trabalhei

muito. Fui assessora técnica do SESI, quando o SESI inaugurou a parte de educação física. Eu fui nomeada assessora técnica, a primeira professora mulher que trabalhou lá, na parte de assessoria técnica. O meu diretor não era técnico, quem era técnico era eu. Depois que eles descobriram que eles não podiam me pagar, eu assessora técnica, mudaram e eu fiquei chefe de serviços de esporte. E recreação. Trabalhei vinte anos no SESI. Você vai dizer assim: “como é que você foi diretora do infantil, colégio particular?”. Porque eu temi.

J.C. - Colégio particular, mas do governo?

H.B.- Colégio do governo. Colégio de ginásio, mas do governo. Quando eu terminei a história da Educação Física, a Filosofia já tinha reaberto. Aí eu retornei e terminei. Fiz licenciatura plena, porque antigamente, se você fizesse Filosofia, estando no quarto período, a licenciatura plena era uma complementação. Deve ser isso que você talvez esteja fazendo hoje. Eu não sei porque não conheço.

J.C. - Isso dá direito a trabalhar na Universidade.

H.B.- Isso. Então você faz licenciatura plena e você pode trabalhar numa Universidade. Três anos de curso era o curso comum pra trabalhar em escola, em qualquer lugar. Quarto ano era a licenciatura plena. Então você fazia Pedagogia, organização histórica, sei lá não me lembro. Então eu fiz licenciatura plena, voltei pra faculdade, fiz o terceiro ano, fiz a licenciatura e ainda me formei na faculdade de Filosofia, enquanto isso. A licenciatura plena, não sei se você quer saber isso, ou se você quer saber outras coisas?

J.C. - Não. Quero sim.

H.B.- É coisa daquela época. Você sabe de quando? Trinta e nove, quarenta, quarenta e um. Me formei em quarenta e dois. Eu tinha tido minha filha no último ano. Não era permitido.

J.C. - Mas a senhora já tinha casado?

H.B.- Já tinha casado.

J.C. - Casou assim que terminou a escola?

H.B.- Assim que terminou a escola me casei, em quarenta e dois. Meu marido fez concurso para médico militar. Em quarenta e três houve a guerra.

J.C. - Seu marido chegou a ir à guerra?

H.B.- Não chegou a ir à guerra, mas entrou na unidade porque era médico. Na unidade militar pra ir pra guerra que eram treze. Durante o período de agosto, em que eu estava pela primeira vez na faculdade, nunca tinha havido uma moça grávida na faculdade. E eu então perdi um mês de trabalho. Quando eu perdi um mês de aula eu fui excluída, no último ano. Eu disse a eles que o Brasil era um país que precisava tanto de gente que estudasse, que era incrível, que não era possível que por causa de um filho eu fosse excluída da faculdade. E voltei e terminei. Ela nasceu em agosto, setembro, outubro, novembro. Eu fui a primeira aluna, mas depois eu fui piorando. Depois que ela nasceu tinha outras ocupações, mas até ela nascer não tinha nada.

J.C. - A senhora se afastou em agosto para ter o bebê?

H.B.- Aí eu fui excluída. Eu não podia me afastar. Trinta dias. Eu não podia me afastar. Eu me afastei trinta dias, fiz um requerimento pra universidade. Eu tive muita sorte porque como tudo isso era muito novo no Brasil, eles botavam pessoas que eram qualificadas. O que havia muito pouco.

J.C. - Então havia concentração dos bons profissionais?

H.B.- Eu não sei quantos alunos tinham.

J.C. - Tinham homens e mulheres?

H.B.- Tinham todos os dois nas faculdades, eram misturados. Nas faculdades não havia seleção. Nessa escola de Educação Física, havia seleção na parte esportiva. A parte intelectual era junto, sentava na mesma sala e tal. Havia uma certa intolerância de alguns

professores que colocavam de um lado e de outro. Agora na parte esportiva, na parte atlética mesmo, era absolutamente separado. Tinha até um muro separando o Instituto. Tinha um muro separando, no Fluminense, quando as moças faziam esportes. Os rapazes faziam depois. Até no Fluminense era assim. Quando nós chegávamos, muito cedo, sete horas da manhã, nós íamos todos pro Fluminense. Nós formávamos a turma.

J.C. - Cantavam o hino?

H.B.- Todo dia. Aí nós íamos em forma, por aquela rua, em frente ao Instituto que vai dar no Fluminense. Nós íamos em forma, nós todos, as mulheres, os homens, para fazer educação física, ginástica, ginástica francesa. Só podia ser aquela clássica. Se o aluno chegasse mais tarde, o diretor da escola estava sempre presente, e um dia ele gritou; “Aluna!”. Eu levei um susto! “Como é que a senhora chega atrasada. Não pode chegar atrasada. Tinha que estar em forma. Soldado tem que estar em forma na hora marcada”. Então toda a escola ficava formada. E nós ficamos morando aqui perto, eu morava aqui perto e fizemos assim a escola de Educação Física. Foi muito bem organizada, foi muito bem feita, foi excelente, preparou muito bem todo mundo, todos nós.

J.C. - Isso é que eu estou pensando. A senhora terminou a escola, voltou para Belas Artes, Filosofia...

H.B.- Me casei, tive filho...

J.C. - Nessa época ainda não estava trabalhando?

H.B.- Trabalhava. Não parei de trabalhar. No dia que eu terminei o curso eu comecei a trabalhar.

J.C. - Foi com esses alunos particulares ou não?

H.B.- Não. O meu primeiro colégio foi o Colégio Batista, aqui na Tijuca.

J.C. - Então já foi logo para a escola trabalhar?

H.B.- Fui logo para a escola, foi o que eu fiz. Eu fiz cartões, distribuí em todos os colégios. Pagavam tão pouco que quase que só dava para pagar a passagem de ida e de volta. Mas eu precisava trabalhar. Trabalhava em São Cristóvão em um colégio lá em cima, Borges parece. Era uma ladeira lá em São Cristóvão.

J.C. - A senhora acha que encontrou dificuldades por ser mulher?

H.B.- Não, não! Porque não era...

J.C. - Não era tão valorizado?

H.B.- Tinha havido, talvez, um decreto que a Educação Física só poderia ser exercida, em qualquer lugar, pelos profissionais. Então você só podia ser técnico de futebol se fosse formado pela faculdade de Educação Física. Você só podia ser médico especializado, se você fosse formado. Então havia certa obrigação de você se formar para poder exercer a sua profissão.

J.C. - Mas aí tinham muitos profissionais?

H.B.- Não. Você sabe quantos alunos eu tinha na primeira turma? Foi aquele lá de cima, do alto, Batista. Eu tinha noventa alunos numa turma, o que era proibido. Em qualquer turma você não pode ter mais de cinquenta alunos. Em Educação Física trinta, quarenta. Na escola, no ginásio, você podia ter sessenta, mas numa turma... Eu, garota, moça, sem experiência. Quando cheguei lá que vi aqueles alunos.

J.C. - Cheios de energia. Respeitavam muito mais do que hoje.

H.B.- Totalmente. Era uma beleza.

J.C. - Então conseguia dar conta de todos os alunos.

H.B.- Só fazer a chamada, era obrigatória a presença. Uma moça saiu da turma e foi me ajudar. Chama-se Ruth. Depois eu encontrei essa moça como diretora. Foi lá do SESI,

quando trabalhei no SESI. Aí quando eu entrei na justiça, já com a parte de desenho, pedindo o meu registro, minha recuperação no Estado. Porque eu ia ser nomeada direto pro Estado e o SESI não era.

J.C. - Mas isso foi um pouquinho mais pra frente?

H.B.- Ih! Essa luta foi muito...

J.C. - Mas provavelmente até os homens sofreram isso.

H.B.- Todo mundo sofria, técnico esportivo... Foi uma luta. Todos esses técnicos internacionais foram fazer Educação Física. Eu encontrei ali, naqueles grupos, muita gente que era formado. Depois em Educação Física, eu passei dezessete anos pra ganhar a questão. Nesse meio tempo eu fui trabalhar no serviço social da indústria.

J.C. - Mas foi por concurso ou ainda era indicação?

H.B.- Era tudo indicação. Concurso era só pro Governo, pro Estado e o SESI tinha sido recém inaugurado. Então fui a primeira mulher numa classe esportiva. Tinha no governo Getúlio Vargas, tinha no Ministério do Trabalho um setor que era de Educação Física e esportes. Como eu não era metida com política, com essas coisas, eu fiz exames.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

H.B.- Nós estávamos aonde? No SESI. Eu passei e entrei em quarenta e oito e saí em sessenta e seis. Eu passei dezoito anos.

J.C. - Nesse período era praticamente só lá que a senhora trabalhava?

H.B.- Só. Eu fiz um curso de medidas, peso e altura. Era um serviço médico. Então eu consegui que eles nos dessem dois médicos, porque nós fazíamos serviço médico. E nós fizemos todo tipo de esporte: futebol, basquetebol, voleibol.

J.C. - Havia centros pra vocês desenvolverem essa atividade? Ou eram escolas?



H.B.- Não. Nós chamávamos... O colégio Vera Cruz emprestava a piscina. Ainda não tinha uma sede. Nós fizemos um conselho. Isso não existia naquela época.

J.C. - Vocês não tinham sede própria, mas estavam sempre pedindo emprestado.

H.B.- Sempre emprestado até que eles começaram a fazer os centros sociais. Como tinham muitos alunos lá tinha centro social. Tinha um que era no INPS, não era INPS era IAPI ou IAPC, institutos do comerciário, institutos industriais. O nosso era dos institutos industriais e tem os comerciais. Então eles fizeram um centro social, ali em Bonsucesso. Na minha carreira como professora eu só fiz coisas gostosas. É muito bom você trabalhar em coisa que você gostou de fazer. Aí nós fomos pra lá, era um centro social que ia fazer trabalho com crianças daquela região. Centro social de Inhaúma, já ouviu falar?

J.C. - Não. Desse centro não.

H.B.- Você ainda tá fora da Educação Física. Foi muito difícil conseguir trabalhar. Eu fui embora pro Sul, passei dois anos no Sul. Quando eu voltei, comecei a trabalhar em Educação Física nesses colégios particulares que estavam me dando respaldo para quando eu fosse convidada para o SESI, eu ter qualificações pra ser assessora técnica. Depois eu comecei a fazer aula de psicologia, estudar psicologia que era uma coisa mais dentro do setor. Eu, então, comecei a trabalhar com gente que tinha crianças com problemas. Uma vez peguei quatro filhos de uma pessoa muito importante aqui no Brasil. Os meninos tinham uma casa lindíssima com piscina e eu disse: “vamos pra piscina”. Eu não sabia qual dos quatro era o complicado, não estava como psicóloga. Eu era professora de Educação Física, não era psicóloga. Então eu fui com os quatro pra lá. O menino tinha medo de entrar na piscina e você, no fim de dois meses, você chama o seu pai. É muito importante e diga a ele que você vai atravessar. Ele chamou. Tinha a menina que a mãe era linda. Morava num apartamento que não tinha nada. O chão era lavado, os móveis eram cobertos de plástico. Cheguei lá, vi aquilo e disse: “tem alguma coisa estranha”. A menina era feia, magra, horrorosa e a mãe era linda. O Souza Leão era um colégio que existia no Rio de Janeiro. Não sei se ainda existe. É um colégio para crianças com disritmia, retardo, crianças com problemas e a menina estava jogada nesse colégio. Aí você, como professor

de educação física, tem muito mais facilidade se você conhece um pouquinho de psicologia, um pouquinho de desenho. Porque você faz um teste de desenho...

J.C. - Só quem estuda é que conhece.

H.B.- Você faz uma observaçãozinha no comportamento da criança, como é que ela se comporta no meio dos três irmãos. Eu tenho que descobrir. Eles não andavam a pé, eles não cortavam o cabelo, eles não sabiam o valor do dinheiro. Aí você ia procurar quem tinha o problema e descobre que esse tem um problema, esse tem outro problema e esses dois aqui para fazer esporte. Então você vai dissociando aquilo tudo: “anda a pé”, “vai no cabeleireiro”, “dá o dinheiro a ele”, ele sabe quanto vale o dinheiro? Não sabe nunca viu uma nota.

H.B.- E então, você como professor de Educação Física pode fazer um trabalho riquíssimo. Você sabe tem gente em recuperação...

J.C. - Que bacana. Deve ser muito gratificante.

H.B.- É lindo. Depois quando você vê essa menina, que era horrorosa, e a mãe viajou para passar dois meses e deu um avanço. Não tem nada na casa. Um apartamento lindo, maravilhoso, vazio. Eu comecei a conversar com a menina. Conversa, conversa e aí eu descobri que a menina realmente era uma rejeitada. Elas me davam uma carta branca. Não sei se era porque eu era orientada pela psicóloga, pelo doutor diretor da Fundação Getúlio Vargas, lá do ISOP, Instituto de Seleção de Orientação Profissional. Então não sei se era isso. Eu sei que a menina, a mãe dela foi passar dois meses. A menina tinha doze anos, dessas famílias conhecidas, mas a menina precisava conversar. Eu tinha feito o meu cursinho de psicologia. “Ah. Eu não queria ter aula hoje com a senhora não. Eu queria conversar”, então vamos sentar no chão. Sentávamos no chão e começávamos conversar. Ela ia extravasando toda aquela mágoa de se sentir impotente no colégio que ela não queria. Colégio de crianças com problemas, mas ela não tinha nenhum problema. “Na casa dos meus primos todos dançam e eu não sei dançar”. Você gostaria de aprender a dançar? Eu fiquei dois anos com essa menina. Foi um inferno. Depois ela não queria, dois meses e a mãe me dava carta branca. Eu tinha uma vontade louca de comer bombom. Eu comprei

seis bombons. Só cheguei lá menina e a mãe chega se assustou: “pode um bombom, não pode comer todos de uma vez”. A menina ficou deslumbrada, comeu a caixa toda. Nunca tinha comido bombons.

J.C. - Devia ser por algum sintoma que um dia ela teve e transferiram isso pra vida toda.

H.B.- O problema toda daquela família era não queres que a filha virasse uma moça. Você vai esperar a sua mãe vestida de moça, ela aí, se vestiu de moça. A alegria dessa menina era uma coisa incrível. Eu tive um trabalho. Também, você que conheceu um pouquinho de psicologia, você bateu o olho era uma academia. Lá na Santa Clara eu bati o olho e vi aquela criatura e pensei: “aquela criatura não está bem”. Fizemos o relaxamento, passou um tempo e ela disse: “a senhora me salvou a vida. Eu ia me matar naquele dia. Eu ia pegar e ia pro mar”. Você acaba conhecendo bem as pessoas. É muita gente. Você acaba tendo turmas e turmas. Uma professora de Educação Física, outro dia, meu filho tem problema auditivo e eu quis muito que ele fosse professor de Educação Física. Ele disse: “Não quero”. Ele está com 52 anos e disse: “Eu lamento não ter sido professor de Educação Física. Seria a minha carreira. Eu sou economista, bem sucedido, mas eu gostaria de ter sido professor de Educação Física”. Então você pode ter certeza de que a carreira que você escolheu é brilhante. Se você souber usar a sua carreira você vai ficar se você gostar, e vai ter um pouquinho de entendimento da figura humana.

J.C. - Tem que lidar com o ser humano o tempo inteiro e o ser humano não é só o biológico, não é só o coração batendo. Ele bate de diferentes formas por causa da cabeça e de toda a integração.

H.B.- Eu tenho minha sobrinha, pessoa excelente, realizada. Eu disse: “Eu vou fazer um trabalho com vocês”, trabalho de relaxamento muscular. Sendo que tinha uma imensa que já tinha passado por psicólogo, psiquiatra, tudo e comecei a trabalhar com ela fazendo relaxamento muscular. Eu não sei qual é o tipo de técnica que vocês usam.

J.C. - A gente usa alongamento.

H.B.- Relaxamento muscular. Então você vai fazer de tal modo lento que você vai deixar que a sua musculatura permita que o líquido seja escorrido. Começar com dez minutos, 20, depois 40, 50 minutos. Depois com 20 minutos, já estava inteiramente relaxado. Treze centímetros e a menina começou a me desafiar. Eu disse: “no próximo vem trabalhar você”. Essa foi a coisa mais sensacional. E a outra, lá de Teresópolis: “eu queria tanto falar com a senhora”. Pois não. O que a senhora quer falar comigo?”. “Vamos pro escritório”. O doutor que me mandou pra senhora. Eu tinha alunos particulares. É uma força que não é só minha, é emocional. Agora eu acho que a carreira é muito boa se você souber usar. Eu tive uma experiência imensa, trabalhei 25 anos como professora de Educação Física e 7 anos como diretora de uma escola.

J.C. - Foi por opção?

H.B.- Foi porque fui chamada, fui nomeada para o Estado, trabalhei sete anos e pedi demissão do SESI.

J.C. - Ah. Pediu demissão? Para estar assumindo no Estado?

H.B.- Sim. Eu assumi em 1960.

J.C. - E aí a senhora trabalhou lá até se aposentar?

H.B.- Sim. Trabalhei cinco anos. Ganhei licença *Premium*, completou mais um ano. Completei 25 anos. Eu tinha 17, completei 25 anos.

J.C. - Aí a senhora parou de trabalhar mesmo nessa época?

H.B.- Na Educação Física?

J.C. - A senhora chegou a trabalhar em academia?

H.B.- Sim. Na academia Lourss por muitos anos. Eu trabalhei num curso na Urca que depois se transformou em Organização de Assistência a Jovens e já havia muitos. O Lyons

funcionava na Glória. Eu consegui através desse pessoal e como ajuda também para esse pessoal, nós fizemos uma ONG: Centro de Recuperação dos Adolescentes. Eles eram terríveis. Eu peguei todos os piores e organizei um centro de recuperação. Eles fizeram um teatro.

J.C. - A senhora gostava era dos desafios mesmo.

H.B.- Desafio...Através desses jovens. Ofereceram prêmios para esses meninos. Convidaram esses meninos para os almoços. Eles aí ficaram ótimos. Teve um dia que houve reunião na minha casa. Meu marido foi embora, ficou com medo e foi embora. Eu fiquei sozinha e pensei: “Como é que vai ser?”. Subi, chamei os piores e disse: “Olha. Vocês vão ser responsáveis pela festa”.

J.C. - São capazes, né? Tem que acreditar e incentivar. Nesse período de trabalho, que pelo visto foram inúmeros, como o seu marido se comportava? Ele não se incomodava da senhora estar na rua e trabalhando?

H.B.- Ele estava trabalhando desesperadamente porque ele era militar, médico e militar.

J.C. - É porque militar também é bem fechado.

H.B.- Ele trabalhava no morro de graça. Trinta anos, ele trabalhava de graça. Ele tinha um consultório que só assistia gente pobre. Ele trabalhava no hospital central do exército. Chegou a ser diretor do hospital central do exército e atendia todo mundo de graça. “O que é isso aqui?”. Eram as pessoas que ele não cobrava e elas davam presentes. Ele era médico de Educação Física e nato. Ele sabia que tinha muito trabalho.

J.C. - Ele não se incomodava e a senhora também ajudava nas despesas da casa ou ele arcava com tudo?

H.B.- Bom. Era assim. Ele arcava porque tinha muito mais do que eu. Então, por exemplo, eu quis botar essas paredes todas abaixo e ele não concordava, não queria obra em casa, detestava. Eu dizia: “Eu tenho o dinheiro. Eu tenho quem vai fazer. Você deixa que eu

faça?”. Aí ele concordava. Eu tinha o dinheiro, tinha quem fizesse. Aí se ficasse muito ruim eu ficava desesperada, mas aí já passava. Antes dele morrer eu tinha feito a reforma enorme nesse apartamento.

J.C. - Já faleceu há muito tempo?

H.B.- Vai fazer vinte anos. Mas ele era uma pessoa extraordinária. Todo mundo achava. Também ele foi médico do Flamengo, da equipe, né? Mas não era remunerado naquela época. Era de graça. Ele foi diretor do patrimônio do Flamengo de graça. Ele foi um dos primeiros sócios do Flamengo, desde criança.

J.C. - Era apaixonado pelo Flamengo.

H.B.- Agora você pode ter certeza que se você fizesse Educação Física e você não vai fazer angústia. Você não vai chegar e pegar na pessoa com a musculatura dura feito pedra e vai fazer... Como é que chama esse negócio que vocês estão fazendo agora?

J.C. - Musculação.

H.B.- Musculação. Você não pode. Você tem que fazer alongamento, relaxamento.

J.C. - Cada caso é diferente.

H.B.- Beber essa quantidade de água. Porque eu fiz um curso de especialização em secretaria de saúde internacional. Eu pedi licença do trabalho, meu marido foi designado pelo exército para ir pra lá e eu fui. Cheguei lá na Educação Física, eu fiz todas as matérias. Chegou na hora de fazer a prova, tinha professores aqui do Rio que eu já conhecia. Essa prova, lá em São Paulo, eu não sei se ainda é a dos professores de qualquer cadeira, de qualquer matéria. Só era feita através de curso. A nota alcançada dava a eles a promoção. Vem para a cidade do interior, para a cidade mais próxima. Vem para um lugar melhor, só depois disso, então, era o curso que fazia todo ano. E por acaso não sei se todo ano era internacional. Eu fui e chegou na hora e fizeram muito curso de extensão

universitária. Todo ano Educação Física abria aqui. Esses cursos universitários eram assim, todo ano abria.

J.C. - Mas geralmente era o exército que oferecia?

H.B.- Não. Não era do exército. Era do Estado, do governo. O governo, que controlava a universidade, era federal. Toda vez que abria uma inscrição universitária, era curso de psicologia, eu fazia. Era curso de desenho, eu fazia. Era de Educação Física, eu fazia tudo.

J.C. - Vocês foram bem companheiros então. A senhora só tem uma filha?

H.B.- Não. Tenho um filho também em Brasília. Mas é ótimo. Ele dança, ele tem filhos, ele fez faculdade de economia. Eu não entendo essa história de ensinar a falar. Por que? Porque deviam ensinar os gestos e eu, como fiz o curso de surdo e mudo, eu via aquelas crianças todas fazendo aqueles gestos... Quando o meu filho nasceu, meu filho tem 52 anos, eu fiquei muito assustada e aí eu comecei a procurar. Mandaram eu ir pros Estados Unidos, deram até, o governo militar deu, para ir pros Estados Unidos. Eu digo porque que ele não vai aprender. Se meu filho morresse? Ele não conhece, eu também não conheço. Eu não falo inglês. Deixa ele ficar aqui e não aceitamos. Nós corremos todos os médicos. Não tem jeito. Não tem jeito. Então essa mulher disse: “vamos trabalhar?”. Nós começamos a trabalhar com ele através do músculo, do músculo da face. Então ele mostrou que sabe fazer todo o trabalho. Então eu vou dar aula de ginástica na rua, em pé, um monte de criança, eu dizia: ”Grita. Grita”. Trabalhando desesperadamente. Grita e as pessoas diziam: “por que o menino não grita?”. Eu digo: “porque ele é surdo, não sabe gritar”. Essa senhora dizia que eu tinha errado. A musculatura do surdo, ele perde seis meses. Tinham mania de dizer, naquela época, era mentira, mas eu ouvi dizer isso. Seis meses então. Eu não vou deixar que ele perca seis meses. Eu vou trabalhar com ele todo dia. Estou estranhando que você é uma mulher tão inteligente, tão capaz, esteja me dizendo uma coisa dessas. Porque o corpo fala, a pele fala. Se você não usa, isso tudo endurece. Você não pode. Desculpa a minha animação.

J.C. - Eu estou entendendo o que a senhora está falando. É bom ouvir essas coisas.

H.B.- Eu sempre tive talento. Eu quando fui pra escola de belas artes tinha um professor que disseram: “que grande pintor”. Era professor. Os grandes é que estavam lá. Eram poucas as escolas e poucos alunos. Então estavam todos lá...

J.C. - A senhora chegou a concluir também o curso?

H.B.- Eu concluí.

J.C. - Por que teve um tempo que a senhora teve que sair por causa da Educação Física?

H.B.- Eu saí, mas voltei o meu curso de Belas Arte. Era curso da faculdade de Filosofia que funcionava nos prédios de Belas Artes.

J.C. - Era o mesmo curso?

H.B.- Era o mesmo curso de professorado de desenho, que funcionava na escola de Belas Artes. Eu tive que parar porque eu não agüentei. Tinha fechado. Eu fui pra Educação Física, quando eu estou na Educação Física, reabre, mas nas mesmas condições.

J.C. - Como foi?

H.B.- Eu entrei, perdi uma vaga. Eu já tinha feito, tinha passado para o segundo ano. Eles fecharam.

J.C. - E o curso não era novinho não? Já tinham outras turmas?

H.B.- Já havia tido umas quatro turmas antes. Era uma universidade recente, mas que fecharam. Meu pai era jornalista. Eu ia atrás dele. Eu continuei quando reabriu. Aí, ao invés de reabrir no Largo do Machado, onde funcionava, ela reabriu na escola de Belas Artes, entende? Provavelmente outros cursos abriram em outros lugares. Este curso eu fechei porque eu não agüentei. Em 40, os dois cursos; o de Educação Física era muito puxado; mas quando eu entrei para Belas Artes, não havia concurso. Então eu fiz a faculdade de Filosofia. Eu já tinha sido aluna de Belas Artes.



J.C. - E a senhora tinha amigas mulheres também lá?

H.B.- Tinha mulheres e homens. Agora eu nunca tinha feito esse tipo de curso que o meu pai me levou pra fazer quando tinha dezessete anos.

J.C. - Vamos conversar um pouquinho sobre esse período? A senhora estava na escola, normal, era aluna, aí gostava de natação...

H.B.- É. Eu fazia natação, mas nunca tinha pensado em Educação Física.

J.C. - O que era exigido? Qual a formação para entrar tanto na escola de Educação Física, quanto na de Filosofia? Precisava desse segundo grau como a gente chama hoje em dia?

H.B.- Quando eu terminei o ginásio, o ginásio era de cinco anos, aí instalaram aquele curso breve de dois anos que se chamava pré-vestibular. Você só podia entrar na faculdade se você fizesse o curso de dois anos.

J.C. - Em qualquer faculdade?

H.B.- Em qualquer faculdade que você quisesse entrar, com exceção da escola de Artes. A escola das artes não funcionava como escola de nível superior. Então a faculdade de Filosofia, faculdade de Direito, faculdade de Medicina, de Engenharia...

J.C. - E já tinha isso tudo? Para mulheres também?

H.B.- Tudo. Mulher não ia porque não queria. Quando eu terminei os cinco anos, em 37, no quinto ano do ginásio, eu quis entrar na faculdade de Medicina. Surgiu esse negócio de três anos. Eu ia fazer Medicina, mas não ia ter condições de sustentar.

J.C. - Em princípio nesse curso pré-vestibular?

H.B.- Tem um nomezinho, um nome especial, até fizeram uma música. Aí acabou o ginásio de cinco anos, o ano seguinte foi de quatro. O último ginásio de cinco anos foi o

meu. No ano seguinte o ginásio passou a ser de quatro anos. Então eu não podia fazer, não tinha condições de fazer este curso. Eu então fui fazer o vestibular da faculdade de Filosofia que era esse curso de desenho na faculdade de Filosofia. Fiz o vestibular, passei. Mandaram a gente para o instituto de educação. Nós fomos funcionários do saguão do instituto de educação. Para a faculdade de Filosofia não precisava vestibular, para a de Belas Artes também não precisava. Então eu fiz o vestibular. Fui para o Instituto de Educação e quando eu estou no primeiro ano da faculdade, ela fecha.

J.C. - Na Educação Física não devia se exigir também esses dois anos? Tanto é que a senhora não tinha feito.

H.B.- Não exigia estar dois anos. Dois anos devia ser para Direito, para Medicina, para Engenharia, faculdades mais importantes, porque tudo isso é na faculdade nova... Faculdade de filosofia fechou não tem três anos. A escola de Educação Física abriu sem vestibular, mas parecia vestibular. Então a escola de Belas Artes não tinha nenhum concurso.

J.C. - O que eu tenho ouvido falar é que secundário completo, se você fizer até dois anos, que era como se fosse um pré-vestibular. Você tinha toda a formação do secundário.

H.B.- Secundário completo você fazia em cinco anos. Isso no último curso que foi o meu.

J.C. - Então era até o quinto ano que era o secundário completo?

H.B.- Depois passou a ser quatro anos. Aí então você teve esses dois anos de vestibular. Não são mais dois anos. Eu acho que agora não são mais, são?

J.C. - Hoje em dia a gente tem que ter três anos.

H.B.- Ah. Você faz quatro anos, depois faz três. Não. No meu tempo fazia cinco, acabou. Aí passou a se fazer, assim criaram o de dois Aí então ficariam sete. Então eles passaram para quatro, criaram o de três. Deve ter sido isso.

J.C. - Aí foi o seu pai quem incentivou? Quem te deu a idéia?

H.B.- Aí eu fiquei sem estudar. Não tinha onde estudar, no meio, eu fiquei sem estudar. Aí o meu tio que era secretário geral da presidência do Supremo tribunal, tinha feito um livro fantástico, todos os juizes consultavam e ele então queria que eu trabalhasse com ele. Mas eu nem sabia bater na máquina e o meu pai nunca me deixou aprender: “Bater na máquina? Não vou ter funcionária pública na minha casa”. Aí ele soube da escola de Educação Física, que era ali nas Laranjeiras. Tudo era ali nas Laranjeiras. Morava nas Laranjeiras. Não. Morava no Flamengo. Aí eu fui e me matriculei. Aí fiz o vestibular, exame físico, exame de saúde, exame de corrida, velocidade. A única vantagem que eu tinha é que eu nadava muito bem e tinha uma capacidade vital muito forte e as outras todas eram da mesma qualidade. Porque esporte, naquela época, não existia. Você fazia natação como eu fazia, porque eu via os japoneses lá nadando e aí eu copiei os japoneses e comecei nadar igual a eles. Esporte não era como hoje.

J.C. - Estava começando a ser divulgado, acho que nessa época.

H.B.- Não era obrigatório você ter Educação Física nas escolas. Só passou a ser obrigatório depois. O curso foi feito talvez porque era obrigatório. Uma coisa dependia da outra, no tempo do Getúlio e no tempo do Getúlio. Aí entra política. Você tinha essa parte de política muito exacerbada. o Getúlio era inteligente, sem muita cultura e ele veio governar o Brasil. Chegou aqui no Brasil, ele viu que estava tudo errado, ele estava lá à distância. Então as coisas trabalhistas foram feitas por ele. Teve essa popularidade fantástica porque ele começou a ver o povo. Então ele estimulou o partido comunista, aí deu um golpe no partido comunista, prendeu todo mundo. Aí isso estimulou o partido integralista. O Getúlio ia para os palanques e nós, que éramos de Educação Física, que éramos mulheres bonitas, nem todas eram, mas elas ficavam trabalhando com seu corpo, então nós fazíamos a barreira na frente do palanque do Getúlio, que era muito baixo. Era populista e ele deu um golpe. Em trinta e sete ele prendeu todo mundo. Foi em trinta e cinco ou trinta e sete? Agora, essas leis todas trabalhistas que existem, foram feitas nos vinte anos, foram feitas no período do Getúlio.

J.C. - E tinha um nacionalismo muito forte?

H.B.- Muito forte. Em sessenta, quando eu fui nomeada diretora, acho que foi em sessenta e quatro, porque primeiro eu fui nomeada para o Estado, eu fui para outros colégios. Então havia um dos trabalhos que eram feitos, era a Escola Nova. Então nós juntávamos três matérias e aquelas três matérias iam trabalhar em conjunto. Aí me mandaram para Riva Dávia Corrêa, uma escola que tem ali perto do palácio do exército, na Getúlio Vargas. Eu tinha recém-chegado no Estado. Não sabia nada do Estado. Eu tinha quarenta e dois anos e não sabia nada de Estado. Eu era uma professora de Educação Física formada, capaz de fazer qualquer trabalho de organização, de tudo e tal, técnica especializada de desenho, de escola. Chegaram lá e me mandaram falar. Chegaram lá, tinham três professores: um de desenho, era o Delan, uma de história, que era a Nilda e eu. Nós três vamos fazer um trabalho novo aqui nessa escola, em conjunto. Começamos a fazer o trabalho porque as turmas eram entrosadas. Então as turmas de desenho trabalharam com as turmas de história e de Educação Física. Não. Não era professora de Educação Física.

J.C. - Ah. Era diretora.

H.B.- Não. Era professora de desenho. No Estado eu era professora de desenho.

J.C. - Ah sim.

H.B.- Então nós fazíamos um trabalho extraordinário. Mas porque deu muito trabalho, ninguém agüentou. Era muito complicado. Ainda fizemos esse trabalho, quando eu estava fazendo esse trabalho, foi justamente quando estava com quarenta e cinco, professora de ginástica e você sabe que professora de ginástica trás uma organização muito maior do que qualquer outra coisa. Você aprende a fazer uma coluna. No meu tempo era assim, quando você faz o curso de Educação Física você põe coluna um. Todo mundo vai um atrás do outro e não tem conversa. Era como se fosse uma coisa militar.

J.C. - Era bem semelhante ao exercício do exército.

H.B.- Na minha escola não tinha nada de governo militar. Foi em quarenta, governo militar foi em sessenta e quatro. Mas quando eu aprendi era assim. Foi no tempo da guerra. Logo quando começou o movimento da guerra. Aí quando eu estava lá havia esse exame de

admissão no Estado. Exame de admissão para primeira série ginásial. Todas as escolas do estado tinham. Eu era professora do Estado, já estava como professora, Educação Física não tinha nada de faculdade de nada. Eu era professora do Estado, já tinha deixado o SESI, aí fui transferida para o departamento do ensino Médio. Fui para a cidade. Cheguei lá no gabinete e precisavam de um trabalho de inauguração das escolas: “A senhora é desenhista do Estado, a senhora vai fazer”. Peguei um papel, olhei bem, olhei bem, peguei uma tinta... Nunca tinha feito, mas fez sucesso, coisa de inauguração de tudo quanto era escola. Por isso eu era chamada para inaugurações. Então me deram um negócio para fazer sobre a divisão do Estado do Rio. Eu estava no Estado, professora de desenho, já lá no gabinete. Vamos fazer. Comprei um mapa imenso do estado do Rio. Eles fizeram a divisão por ruas, mas não fizeram gráficos.

[FINAL DO DEPOIMENTO]